O Orgulho e o Egoísmo

913. Dentre os vícios, qual o que se pode considerar radical?

"Temo-lo dito muitas vezes: o *egoísm*o. Daí deriva todo mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos há egoísmo. Por mais que lhes deis combate, não chegareis a extirpá-los, enquanto não atacardes o mal pela raiz, enquanto não lhe houverdes destruído a causa. Tendam, pois, todos os esforços para esse efeito, porquanto aí é que está a verdadeira chaga da sociedade.

Quem quiser, desde esta vida, ir aproximando-se da perfeição moral, deve expurgar o seu coração de todo sentimento de egoísmo, visto ser o egoísmo incompatível com a justiça, o amor e a caridade. Ele neutraliza todas as outras qualidades."

917. Qual o meio de destruir-se o egoísmo?

"De todas as imperfeições humanas, o egoísmo é a mais difícil de desenraizar-se porque deriva da influência da matéria, influência de que o homem, *ainda muito próximo de sua origem*, não pôde libertar-se e para cujo entretenimento tudo concorre: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá à proporção que a vida moral for predominante sobre a vida material e, sobretudo, com a compreensão, que o Espiritismo vos faculta, do vosso estado futuro, *real* e não desfigurado por ficções alegóricas. Quando, bem compreendido, se houver identificado com os costumes e as crenças, o Espiritismo transformará os hábitos, os usos, as relações sociais. O egoísmo assenta na importância da personalidade. Ora, o Espiritismo, bem compreendido, repito, mostra as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece, de certo modo, diante da imensidade. Destruindo essa importância, ou, pelo menos, reduzindo-a às suas legítimas proporções, ele necessariamente combate o egoísmo.

"O choque, que o homem experimenta, do egoísmo os outros é o que muitas vezes o faz egoísta, por sentir a necessidade de colocar-se na defensiva. Notando que os outros pensam em si próprios e não nele, ei-lo levado a ocupar-se consigo, mais do que com os outros. Sirva de base às instituições sociais, às relações legais de povo a povo e de homem a homem o princípio da caridade e da fraternidade e cada um pensará menos na sua pessoa, assim veja que outros nela pensam. Todos experimentarão a influência moralizadora do exemplo e do contacto. Em face do atual extravasamento de egoísmo, grande virtude é verdadeiramente necessária, para que alguém renuncie à sua personalidade em proveito dos outros, que, de ordinário, absolutamente lhe não agradecem. Principalmente para os que possuem essa virtude, é que o reino dos céus se acha aberto. A esses, sobretudo, é que está reservada a felicidade dos eleitos, pois em verdade vos digo que, no dia da justiça, será posto de lado e sofrerá pelo abandono, em que se há de ver, todo aquele que em si somente houver pensado."

Fénelon.

“Enquanto nos demoramos nas teias da animalidade, costumamos centralizar a vida na concha envenenada do egoísmo, orientando-nos pelo cérebro, agindo pelo estômago e inspirando-nos pelo sexo... A passagem na Terra significa, então, para nossa alma, o movimento feroz de caça e presa.”

(Emmanuel)

“Face ao imenso período de predominância do instinto como guia do comportamento até o momento em que surgem os pródomos da razão e do discernimento, fixaram-se os caracteres mais fortes das sensações, facultando campo para o poder - predominância sobre os espécimes mais fracos - e o prazer, expresso na volúpia dos desejos automatistas. Lentamente se foi desenvolvendo o ego, que passou a ser elemento básico para a sobrevivência consciente do ser, enraizando-se na psique e exteriorizando-se na personalidade onde mantém o seu campo de desenvolvimento.”

(Joanna de Ângelis)

“Se o egoísta contemplasse a solidão infernal que o aguarda, nunca se afastaria da prática infatigável da fraternidade e da cooperação.”

(Emmanuel)

* *

Despojamento

O grande adversário da soberba, filha dileta do egoísmo e do orgulho, é o despojamento.

Quando o indivíduo adquire a capacidade de libertar-se de amarras muito bem urdidas, que o aprisionam no cárcere sem paredes das paixões primevas, nos quais se demora em círculo vicioso de prazer vão, consegue auto-enfrentar-se, descobrindo os caprichos doentios do ego e todos os disfarces de que se utiliza, a fim de permanecer dominando.

Vasculhando os sentimentos profundos, percebe que muitos dos fatores que lhe justificam comportamentos enfermiços, com que se apresenta nos círculos sociais, são tramados por esse famanaz do personalismo, que pretende dominar todas as paisagens onde se encontra, dando origem ao orgulho, que é a matriz inditosa das discriminações condenáveis e das atitudes criminosas.

Neles – no egoísmo e no orgulho – se centraliza a hediondez que conduz o indivíduo aos desvãos da arrogância de falsa superioridade, de privilégios que exige por desfrutar, de caprichos mórbidos que deseja impor.

A humildade, por sua vez, essa conquista insuperável da evolução, dando medida do significado real do ser humano ante o Cosmo, é a combatente silenciosa e serena que vai tomando posse das diversas áreas do sentimento, por verificar a rapidez com que passa a fatuidade e como é destituída de sentido emocional e humano legítimo.

Estabelece, de imediato, a necessidade do despojamento dos valores que não tem significado verdadeiro, porque são de constituição ilusória: títulos de nobreza, homenagens de destaque na comunidade, de honradez, de coragem, de serviço ao próximo, de beleza, de cultura, de arte, porque ao se modificarem as circunstâncias, ou passarem os homenageadores, substituídos por outros que pensam de forma diferente, podem cassá-los, ou as enfermidades, as fraquezas morais podem alterar o comportamento do elegido, que se torna reprochável ou demente, agressivo ou extravagante, esnobe ou perverso.

Enquanto no corpo físico, o Espírito está sempre sujeito a muitas vicissitudes, devendo-se impor vigilância constante e oração freqüente, para livrar-se da própria mesquinhez em forma de paixões perturbadoras.

O indivíduo deve despojar-se de tudo quanto lhe é supérfluo.

Acumula coisas inúteis, na expectativa inviável de as utilizar algum dia, que nunca chega.

Reúne objetos, aos quais atribui significado, que permanecem sem alma, quando necessita de companhia na solidão.

Guerreia por terras e campos de que se apropria, permitindo-se desmandos terríveis para mantê-los, fomentando a miséria daqueles que os não possuem e combatendo os invasores que não dispõem de teto, enquanto ele não tem a mínima necessidade de uma parte sequer de tantos haveres...

Guarda roupas, calçados, adereços e jóias que atulham os armários e as gavetas, com desmedida ambição, não os podendo usar, senão, a pouco e pouco, aumentando os estoques ante a contínua variação da moda.

Coleciona automóveis, em inconcebível usura, quando somente de cada um deles se utiliza uma que outra vez.

Sua contas bancárias, mortas em investimentos oscilantes, dariam, se aplicadas na beneficência, no humanitarismo, que gerassem empregos e dignificassem os indivíduos, para equacionar, senão minimizar os problemas da fome, das doenças endêmicas do mundo, alterando completamente a geopolítica humana ora vigente.

A volúpia por adquirir instrumentos eletro–eletrônicos aturde, levando-o a exageros, quase sem espaço para instalá-los e bem pouco fruí-los por falta de tempo hábil para tanto...

... Mas o orgulho que exorbita, aumenta-lhes a emoção pela posse e os leva ao campeonato da exibição social, quando se discutem as conquistas de breve duração.

O essencial é mais importante do que o supérfluo, que nunca tem utilidade para quem o guarda.

Na alucinação que predomina no corre-corre das compras e do luxo, torna-se difícil selecionar o que é valioso daquilo que apenas parece ser.

Somente aprendendo a técnica do despojamento, é que surge a liberdade, e por extensão, a felicidade.

Reparte os excessos – o que não te faz falta – com aqueles que os necessitam, enriquecendo outras vidas.

Valoriza o tempo, simplificando a tua existência, mediante a diminuição de objetos e complexidades inúteis.

À medida que te fores liberando das coisas que te afligem por ter e por medo de perder, irão surgindo espaços emocionais para que sejam colocadas outras aspirações que o tempo não consome, os ladrões não roubam, nem as traças roem.

Áreas psíquicas que se encontram preenchidas por inutilidades imediatistas, cederão lugar para que se instalem reflexões plenificadoras, êxtases refazentes e paz duradoura.

Despojando-te dos objetos exteriores, irás também desapegando-te dos vícios que te escravizam, dissociando-te das injunções penosas que o egoísmo e o orgulho te impõem e descobrindo a beleza do amor que se expande e que plenifica o coração.

Começa, portanto, despojando-te, desde este momento, de qualquer valor que não tem real valor, e avança no rumo do despojamento espiritual das tuas vacuidades terrestres.

Joanna de Ângelis

Livro: Dias Gloriosos
Médium: Divaldo P. Franco